

BRASÍLIA ENTRE DISCURSOS MODERNISTAS E USOS CONTEMPORÂNEOS DO ESPAÇO URBANO: Notas sobre processos de gentrificação na capital federal brasileira.

BRASÍLIA BETWEEN MODERNIST DISCOURSES
AND CONTEMPORARY USES OF URBAN SPACES:
Notes on gentrification processes in the brazilian federal capital.

GUIMARÃES, Sávio Tadeu;

(Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília)
savio.guimaraes.2010@gmail.com

ALMEIDA, Rachel Castro

(Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
rachel.castro.almeida@gmail.com

RESUMEN

Estratégias de enobrecimento de determinados territórios urbanos, os chamados processos de gentrificação, têm revelado, por todo globo, assimetrias de poder e dominações que, geralmente, reforçam ou reinventam processos de produção de desigualdades socioespaciais nas cidades contemporâneas. O principal objetivo deste artigo é analisar dinâmicas onde coexistam tendências de gentrificação e de resistência vivenciadas na cidade de Brasília. Para tanto, foi focado o caso representado por algumas das quadras comerciais da capital brasileira, que compõem interstícios das superquadras da cidade modernista. A formatação de uma trilha metodológica para esta análise se inicia por um referencial bibliográfico de referências globais e locais e se complementa com o aporte de uma abordagem etnográfica, atenta aos processos do cotidiano. Espera-se, com tal estudo, a circulação desta reflexão sobre o espaço público para além do âmbito acadêmico atingindo, de maneira crítica e reflexiva, outras esferas da sociedade abordadas durante essa análise espacial.

Palabras clave: cidade contemporânea, espaço público, transformação urbana, gentrificação.

Bloque temático: a cidade pós-crise – transformações sócio-urbanas e políticas.

ABSTRACT

Strategies to enrich certain urban territories, the so-called gentrification processes, have revealed, all over the globe, asymmetries of power and dominations which, in general, reinforce or reinvent processes to produce socio-spatial inequalities in contemporary cities. The main purpose of this article is to analyze dynamics where gentrification trends coexist with resistance as experienced in the city of Brasília. For such, the focus was the case represented by some commercial blocks in the Brazilian capital, which make up interstices of superblocks in modernist city. The formatting of a methodological trail for this analysis starts with a set of bibliographical references, both local and global, and is supplemented by the input of an ethnographic approach, aware of the everyday life processes. It is expected, as an outcome of the study, that reflections about public spaces will move around beyond the academic context to critically and reflexively reach other spheres of society addressed along the spatial analysis.

Keywords: contemporary city, public space, urban change, gentrification.

Topic: the post-crisis city – socio-urban and political changes.

Este artigo faz parte de uma pesquisa científica em andamento pelos autores, nomeada “Aqui e Ali - Brasília, Belo Horizonte e Lisboa: a amplitude dos processos de gentrificação urbana”, financiada pelo Edital 04/17 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), com bolsas de pesquisa para as graduandas Maryanne Sousa Lacerda e Lídia Lima Vidal.

Introdução

As estratégias de enobrecimento de determinados territórios urbanos, também conhecidas como processos de *gentrificação*, têm revelado, por todo o globo, assimetrias de poder e dominações que, de maneira geral, reforçam ou reinventam os processos de produção de desigualdades socioespaciais nas cidades contemporâneas. Iniciativas esparsas conduzidas pelo mercado para a revitalização de zonas centrais nas décadas de 1970 e 1980, nas grandes cidades norte-americanas e europeias, ganharam status de política urbana nos anos 90, configuradas a partir das técnicas de planejamento estratégico, associadas ao marketing urbano e, desde então, se disseminaram por todos os continentes. São muitos e crescentes os estudos (Zukin, 1987, Harvey, 2012, Torres, 2017) que vêm indicado o fato de, nessa dinâmica de enobrecimento, os resultados remeterem, entre seus desdobramentos, à produção de um espaço associado às práticas globais de consumo, alterações nos padrões de sociabilidade, homogeneização de paisagens comerciais e residenciais e, especialmente, a um caráter segregacionista.

Este artigo é fruto de uma pesquisa que tem como objetivo principal analisar dinâmicas onde que coexistam tendências de gentrificação e de resistência vivenciada nos espaços urbanos das grandes cidades contemporâneas a partir de referências iniciais associadas a um determinado caso. Especificamente, as análises a serem apresentadas recaem sobre as atividades comerciais e padrões de habitação, o cotidiano, principais usuários e suas trocas materiais e simbólicas. Dentro do processo de transformação urbana das áreas das cidades em análise, essas quadras em Brasília, idealizadas inicialmente para atenderem às necessidades comerciais locais, configuram-se como objetos preciosos, pois, entre o discurso e as perspectivas que levaram à sua implementação e os usos e demais desdobramentos ali observados, elas evidenciam, historicamente, múltiplas tendências e processos socioeconômicos e culturais que se reelaboram, demonstrando as dinâmicas dialéticas – gentrificação e resistência – que conformam a vida urbana contemporânea.

No contexto específico a ser estudado, a cidade de Brasília, analisada a partir de algumas de suas quadras comerciais, a hipótese que conduz o presente artigo consiste na verificação da presumível correlação existente entre as várias transformações ocorrentes em tais espacialidades e vários dos procedimentos e desdobramentos a elas vinculados – procedimentos e desdobramentos que têm sido, por vezes, considerados como paradigmas de processos de gentrificação, identificados em boa parte do globo e analisados a partir das correlações político-econômicas, sociais e simbólicas por tais processos expressas na espacialidade das mais variadas cidades.

Como em todas as fases precedentes, esta expansão mais recente do processo urbano trouxe com ela incríveis transformações no estilo de vida. A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade, num mundo onde o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana. A tendência pós-moderna de encorajar a formação de nichos de mercado – tanto hábitos de consumo quanto formas culturais – envolve a experiência urbana contemporânea com uma aura de liberdade de escolha, desde que se tenha dinheiro. Centros comerciais, galerias e pequenos comércios proliferam, como fast-food e mercados locais de artesanato. Temos agora, como coloca a socióloga Sharon Zukin, ‘a pacificação pelo cappuccino’.” (Harvey, 2012, p. 81)

O que há de relevante e peculiar no objeto de investigação aqui abordado, estabelecimentos de algumas das vidas comerciais de Brasília, é o fato de esta área estar susceptível a uma ramificação específica do processo, a saber, o chamado processo de eco-gentrificação ou gentrificação verde, uma vez que determinados equipamentos públicos produzem “amenidades ambientais” que se somam a outras iniciativas como a concentração de estabelecimentos dirigidos, sobretudo, a um público imbuído de práticas de consumo de alimentos orgânicos. Tais fenômenos podem ser interpretados a partir de uma perspectiva transdisciplinar, com ênfase na literatura sociológica, da justiça ambiental, das desigualdades, da gentrificação, do planejamento urbano e da sociologia ambiental (Gould & Lewis, 2017, Torres, 2017, Cronick, 2018).

A partir dessa cena, a formatação de uma trilha metodológica para a análise a ser aqui apresentada se inicia por um referencial bibliográfico composto tanto por trabalhos já tornados célebres como base para o estudo de processos de transformação urbana quanto por trabalhos recentes e mais vinculados à realidade do espaço estudado – sejam mais vinculados à América Latina (Canclini, 1996), ao Brasil (Arantes, 2000) ou, especificamente, à cidade de Brasília (Holston, 1996). A metodologia escolhida se complementa com o aporte de uma abordagem etnográfica que nos dá suporte para o olhar voltado aos processos do cotidiano, seguindo os atores sociais e dialogando com eles em suas escolhas e arranjos, em suas interações sociais usuais e em seus modos de vida. Sobre tal modalidade de coleta de dados e conseqüente manipulação dos mesmos, durante o processo de elaboração deste artigo, cabe aqui já explicitar que, a análise das transformações em curso nas quadras de Brasília enfocadas, as quadras 200 e 400, situadas na Asa Norte do Plano Piloto, no entorno do Parque Olhos D'água, levou em consideração o levantamento histórico dos seus distintos processos de ocupação, uma pesquisa sobre as atuais atividades de comércio e serviço presentes em ambas as quadras e a composição social dos usuários e residentes.

1. Brasília, as quatro escalas de seu plano urbanístico e suas vias comerciais

Brasília, inaugurada em 1961, é um marco no planejamento urbano e regional brasileiro, o projeto urbanístico concebido por Lúcio Costa tinha como missão, em seu discurso oficial, expandir o mercado nacional e promover a ocupação da região centro-oeste. De modo distinto do planejado, o crescimento de Brasília se deu a partir das chamadas cidades satélites, que se configuravam como cidades-dormitório, e áreas invadidas gravitando ao redor do plano piloto. Cortando o centro da cidade, o eixo designado como “monumental”, e o eixo nomeado Norte-Sul, conformam as características imagéticas mais marcantes do plano piloto de Brasília. Composto esses eixos, essencialmente inspirados nos potenciais que a circulação automobilística pressagiava até meados do século XX, as escalas monumental, gregária, bucólica e residencial utilizadas por Lúcio Costa na distribuição arquitetônica, paisagística e urbana complementaram sua idealização do plano piloto.

No que diz respeito à “escala monumental”, a grande referência e imagem de divulgação da capital, a peculiaridade dos prédios do setor monumental e a maestria plástica alcançada em muitos deles continua a auxiliar na representatividade simbólica da cidade enquanto capital federal, sede das principais estruturas de poder oficial do Brasil e marco do urbanismo moderno experimentado a partir de várias outras propostas modernistas pelo mundo. Neste caso específico, além das peculiaridades da implantação dos edifícios de poder idealizada por Lúcio Costa, a especificidade das obras de Oscar Niemeyer, em seu uso precoce das potencialidades plásticas do concreto armado aliado a outros materiais e técnicas à época inovadoras potencializaram a representatividade da cidade como um ícone do Modernismo à parte das crescentes críticas quanto à centralização do poder e à grande liberdade dada a tais edifícios em detrimento das imposições formais dadas a outras escalas, como a residencial principalmente.

Ligando as várias escalas a “escala gregária”, devido a sua concepção inicial e à não complementação de sua proposta gerou certa desertificação dos espaços de serviço e dos espaços públicos abertos de uso comum, tornando-se um dos traços mais típicos da cidade. As tantas críticas contemporâneas quanto à setorização espacial modernista, tão cara a tal ideologia pode ser facilmente assimilada em meio às ilhas conformadas pela escala gregária brasiliense. De fato, tem sido uma premissa crescente entre os urbanistas contemporâneos a valorização do espaço público e de sua multifuncionalidade, por vezes, relacionada ao andar térreo, os *plinth*s, crescentemente valorizados (Karssenbergh, 2015) junto à valorização do espaço público e, especificamente, da rua, do pedestre e das trocas humanas mais permissíveis em tal espacialidade.

A “escala bucólica” foi pensada para fazer a transição de uma área à outra, sob a histórica referência de “cidade e campo”, e permeia, sobretudo o eixo rodoviário e residencial. É uma das dimensões da cidade que vem

sendo reassimilada nas últimas décadas. De fato, o verde existente ainda é, comumente, “visto” como paisagem de fundo, cenário, quase nunca “utilizado” – ao que pese o valor de áreas verdes, em si, importantíssimas enquanto pontos de “respiro” das adensadas metrópoles”. Contudo, nos últimos anos, tal “ocupação” espacial para o ócio e lazer começa a ser constatada com maior número de adeptos, contudo, não em seus espaços verdes mas, justamente, no espaço mais representativo da “cidade-máquina”, idealizada sob um forte deslumbramento em relação ao automóvel: a nova ocupação temporária se dá no mais importante eixo viário da cidade, mais conhecido como “Eixão” e que perpassa e integra todo o eixo residencial cruzando o eixo monumental em seu centro, junto à escala gregária.



Fig. 01: Escala monumental.
Fonte: Elaboração própria.



Fig. 02: Escala gregária.
Fonte: Elaboração própria.



Fig. 03: Escala bucólica.
Fonte: Elaboração própria.

Neste contexto, um dos elementos urbanísticos mais singulares do projeto do plano é a superquadra, voltada à “escala residencial”, tendo como apoio as escalas bucólica e gregária. Em cada superquadra, suas componentes morfológica, tipológica e ambiental, na concepção do próprio Lucio Costa, possibilitaria maior integração do morador com a edificação e sua ambiência externa, permeável em termos de visibilidade e circulação por meio da elevação dos edifícios por pilotis e da arborização do entorno. Cabe ressaltar que as agregações de superquadras geram as unidades de vizinhança, conceito original do arquiteto e urbanista Clarence Arthur Perry, para o Plano Regional de Nova York, de 1923.



Fig. 04: Escala residencial – superquadra.
Fonte: Elaboração própria.



Fig. 05: Escala residencial – via comercial de apoio.
Fonte: Elaboração própria.

Ao buscar dados de cariz qualitativo nos interstícios de suas superquadras, em seus estabelecimentos comerciais, suas vias comerciais, cabe menção algumas considerações mais específicas sobre tais espaços. Assim, o projeto original do plano piloto previa que os blocos das quadras 100, 200 e 300 fossem de seis pavimentos, enquanto, os blocos das quadras 400, em razão da proximidade do Lago Paranoá, seriam residenciais de até três pavimentos, com ou sem pilotis, sem a obrigatoriedade de garagens e de elevadores, portanto, uma tipologia mais econômica (Araújo et al., 2015). Além disso, em cada quadra foi prevista uma área comercial, originalmente com o propósito de abrigar a diversidade de comércios e serviços que atendessem aos moradores do entorno imediato (Cavalcanti, 2006).

A Asa Sul teve seu processo de ocupação mais acelerado do que o da Asa Norte, o que pode ser observado na imagem abaixo. Além disso, nota-se que as quadras 400, em geral, são mais antigas do que as demais. No caso dos comércios locais, há diferenças marcantes em sua configuração, quando comparamos as soluções adotadas para Asa Sul e Asa Norte, pois os da Asa Sul, em geral, obedeciam a um gabarito uniforme, que poderia ser implantado em qualquer quadra, já os blocos comerciais da Asa Norte adotaram uma tipologia mais diversificada.

Destaca-se no mapa a seguir que muitas quadras da Asa Norte só foram efetivamente ocupadas (legendas azuis) a partir do final da década de 1990. Neste processo de ocupação, em 1994, a implantação do Parque Olhos D'água (entre as comerciais CLN 213/214, CLN 412/413, e as residenciais SQN 213, SQN 214, SQN 215, SQN 216), uma pertinente e necessária estratégia para a preservação da nascente e de um pequeno trecho de cerrado que ainda restava naquela área, teve uma repercussão pública que nos parece muito próxima do conceito cunhado por Kenneth Gould e Tammy Lewis (2017), a chamada «gentrificação verde»



Fig. 06: Diagrama de Brasília sobre ocupações urbanas e destaque para o Parque Olhos d'Água na Asa Norte do Plano Piloto. Fonte: Elaboração própria a partir do GeoPortal da Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, Distrito Federal.

Antes de apresentar outro campo de considerações sobre parcelas do espaço público e comercial de Brasília, a partir de então sob os olhos de seus proprietários e frequentadores, cabe ressaltar, no que se refere a processos de intervenção e transformação de tal espaço, assumimos o termo «gentrificação verde» como um processo de transformação da composição social dos usuários e moradores daquele espaço em que os grupos mais capitalizados são aqueles que conseguem se apropriar, no cotidiano, dos benefícios mais diretos de equipamentos públicos de uso coletivo destinados também à preservação ambiental. Ou seja, sem um planejamento efetivo e abrangente, que considere a intersectorialidade das políticas públicas e de sua orientação para a equidade, as práticas de dotar a cidade de melhores condições ambientais e de um desenvolvimento mais sustentável, são, ao fim e ao cabo, negativamente redistributivos nas cidades globais.

2. Brasília, suas vias comerciais sob o olhar de proprietários e frequentadores

A pesquisa de campo, realizada ao longo dos anos de 2017 e 2018, no entorno do Parque Olhos D'água revela que a ocupação residencial mais recente é marcada por um padrão construtivo distinto, não só pela contemporaneidade dos acabamentos, mas, sobretudo, pelo alto luxo. As novas edificações residenciais e comerciais também exibem características alinhadas com a questão da sustentabilidade, com uso de energia

solar, estratégias de redução de consumo de água e de energia, tal como fachada projetada para diminuição da carga térmica do edifício.

O comércio do entorno, nas quadras CLN 213/214, que são as quadras próximas ao eixo norte-sul conseguiram manter a diversidade funcional, característica do projeto original da cidade, preservando uma miscelânea de comércios e serviços bastante rica e variada.



Fig. 07: Diagrama evidenciando a CLN 213 e a CLN 214. Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.



Fig. 08: Diagrama evidenciando estabelecimentos comerciais. Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

Nas figuras abaixo, as fotografias permitem observar que as quadras CLN 213/214 resistem, até o presente momento, ao processo de gentrificação, mantendo comércios e serviços mais tradicionais com a “Torteria de Lorenza”, a diversidade de atividades, como as farmácias (“Colorado”), a loja de artesanato (“Aquarela”), as agências de turismo (“2 Pontos Turismo”), os estúdios de pilates (“Inspirar Pilates”), e a popularidade que marca os restaurantes *self service* ao quilo.



Fig. 09: Drogeria. CLN 213, Bl.B. Fonte: Elaboração própria.



Fig. 10: Comércios diversos, CLN 213, Bl. B. Fonte: Elaboração própria.



Fig. 11: Loja de Modas. CLN 213, Bl.D. Fonte: Elaboração própria.

No entanto, ao contrário do observado na via comercial CLN 213/214, o comércio das quadras CLN 412/413 apresentam, de modo evidente, menor diversidade funcional na atualidade, distinguindo, assim, da característica do projeto original da cidade e explicitando vínculos mais estreitos com processos de transformação espacial por meio de sua homogeneização e vinculação a grupos sociais específicos.



Fig. 12: Diagrama evidenciando a CLN 412 e a CLN 413.
Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.



Fig. 13: Diagrama evidenciando estabelecimentos comerciais.
Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

Nas figuras a seguir, as fotografias permitem observar, de fato, que o comércio da CLN 412/413, ao contrário do observado na via comercial citada anteriormente, apresenta uma forte disposição para a reestruturação, com acentuada tendência à concentração homogênea de estabelecimentos comerciais ligados à alimentação – mercados orgânicos, padarias, cafeterias, restaurantes – dirigidos a um perfil de consumidor bastante determinado, altamente capitalizado ou a ele vinculado, e a um modelo “gourmetizado” de serviço. Esta dinâmica é observada, primeiro, pela construção recente de dois novos blocos comerciais da quadra, e, segundo, pela implantação das seguintes lojas: a Colaborativa (mercearia), a La Boutique (padaria), o Clandestino (espaço de café e música), a Houston (hamburgueria), o Cookers Cozinha Criativa (café e restaurante lounge). Estes empreendimentos comerciais somam-se aos mais antigos restaurantes da quadra Santé e Dona Lenha configurando uma espacialidade altamente homogênea quando comparada aos padrões usuais das demais quadras comerciais de Brasília.



Fig. 14: Mercearia Colaborativa, CLN412, Bloco B.
Fonte: Elaboração própria.



Fig. 15: Restaurante, CLN 413, Bloco A.
Fonte: Elaboração própria.



Fig. 16: Padaria CLN 413, Bloco A. Fonte: Elaboração própria.

Os efeitos do parque são evidenciados em todas as entrevistas realizadas com os proprietários dos estabelecimentos comerciais das quadras CLN 213/214 e CLN 412/413. Em geral, o valor intrínseco e primeiro de estar em um espaço mais qualificado em termos ambientais é o mais relevante e o que aparece com mais recorrência nas entrevistas. Desde comentários sintéticos como: “A natureza, né? que faz parte ...é legal estar tão perto do meio ambiente.” (Entrevista co-proprietário de um restaurante na CLN 413). Até comentários que

revelam as associações entre o interesse ambiental e os demais atributos agregados como a vista, a baixa densidade, as vantagens do ponto de vista climático, e o modo como tais aspectos se refletem em uma maior valorização imobiliária: *“Há demanda também para quem quer ter essa proximidade com o parque. Pô, você saiu aqui, né, e tem uma área verde. A vista por si só já, né, valoriza esse espaço.”* (Entrevista proprietário restaurante CLN 413, desde 2017). Ouvindo um outro entrevistado nesse mesmo estabelecimento:

“Aqui é mais legal, como antes estava conversando, quando está muito calor... quando fica todo mundo com muito calor você consegue ter uma brisasinha que vem do lado esquerdo. Quando chove ali pra 413 pra 412, porque ali está o parque. Então aqui você vê... a onda de calor, ela é... um pouquinho menor do que em outros lugares.” (Entrevista funcionário loja de vinil e objetos de decoração).

Destaca-se, portanto, que o maior conforto térmico é dado tanto pela manutenção do meio ambiente natural quanto pelo fato da menor ocupação reduzir os impactos do trânsito: *“O ambiente. (risos) A vista. É... o ambiente, a vista, eu acho que... acaba que... circula menos carro porque se não tem gente morando, tem menos pessoas aqui... mas eu acho que principalmente é a vista e o ambiente.”* (Entrevista proprietária restaurante e café na CLN 413). Tais fatores associados produzem uma dinâmica que se diferencia das outras quadras comerciais e residenciais da Asa Norte, a tal ponto de os entrevistados anunciarem semelhanças com contextos de outras cidades do país, com no caso da referência à cidade do Rio de Janeiro, na citada neste trecho da entrevista abaixo:

“Ah eu acho... acho uma quadra mais calma. Eu acho... eu acho que essa quadra tem... uma dinâmica diferente das outras... Por causa do parque. Por causa da circulação de pessoas. Por ser aberta. As outras, nos outros lugares, essa circulação é por conta do comércio. E aqui a circulação não é por conta do comércio, é por conta do parque. Então o foco das pessoas que estão andando é outro.” (Entrevista proprietária restaurante e café na CLN 413).

“Sim. O parque sempre... final de semana esse parque parece Copacabana. Bem Copacabana. O Sol! Está tudo lindo e maravilhoso, todo mundo vindo. Isso é muito bacana, isso é um grande diferencial pra a gente, né? Porquê... as pessoas vêm para o parque e gostam ... de se produzir, se arrumar para ir ao parque e tal.” (Entrevista proprietária de um bar temático na CLN 213/214.)

Assim, tal como evidenciam essas entrevistas, os usuários do parque estão muito presentes nos comércios e serviços das quadras CLN 213/214 e 412/413 e, portanto, têm práticas sociais, hábitos que são distintos e visíveis no modo de vestir, de estar e de se apropriar do espaço: *“Uma quadra, aliás, muito bem movimentada... é... por conta do parque. Então, assim, às vezes, a gente está aqui e tem gente que vem de tênis e [diz]: - ah!! Não, só quero entrar pra conhecer.”* (Entrevista proprietária loja de aluguel de roupa de festas na CLN 213/214, desde 2018).

“Todas. As pessoas que vêm naturalmente, saindo do parque, pra consumir alguma coisa aqui nessa quadra, elas tão envolvidas com a... cultura do bem-estar. Como eu te falei, estão vestidos com calça de malhação, tênis de malhar e tal, mas ao mesmo tempo é um pessoal que parece que está de bem com a vida. Gente estressada aqui é... bem incomum.” (Entrevista funcionário loja de vinil e objetos de decoração.)

Esses usuários estão voltados para as práticas de lazer e de esporte e, em geral, preferem um tipo de alimentação mais natural, mais saudável, mais leve, mais orgânica, o que difere de uma alimentação industrializada ou *junk food*.

“Cara, eu acho que traz, ele [o parque] traz pessoas preocupadas com qualidade de vida, e isso transpassa um pouco de quem está à toa de quem está em volta. Acaba que o comerciante que vem pra cá procura atender esse tipo de público que frequenta aqui, e uma coisa vai levando a outra. Então tudo aqui é muito saudável, ou tem uma qualidade musical específica. E, vai permeando essa, todos esses fatores, assim, essa é uma das vantagens. A outra que não tem residência aqui atrás, a outra que é o parque, já que o parque é ótimo por ser um parque. Cara, o que mais que o parque pode trazer aqui? Eu acho que essa

“sensaçãozinha” de ar puro que traz o parque, é bom Velho!” (Entrevista ex-proprietário de uma sala de cinema, atual proprietário de um café, está na quadra desde 2008).

Neste contexto, um outro depoimento permite evidenciar assimilações da localidade aqui em análise de maneira a contribuir para uma síntese das reflexões aqui engendradas sobre a mesma:

“(...) tem o fato de ter o parque aqui do lado. Tem menos... menos trânsito, assim, de carro. Não parece uma quadra comum, não tem semáforo. Mas, ao mesmo tempo, ela é uma quadra convidativa porque você tem a cantina, você tem aqui do lado o ilPan-drino, que é de comida italiana, você tem uma sorveteria aqui do lado, tem um... uma temakeria e aí, ao mesmo tempo, tem um valor agregado que tudo que tem aqui é... é assim... é... é... bom. Tem uma padaria francesa ali em baixo que... não são muito baratos os produtos, mas ela sempre tá cheia. Então, tem um valor agregado. Inclusive com essa coisa de saúde porque é perto do parque.” (Entrevista funcionário loja de vinil e objetos de decoração CLN 412/413.)

Se a transformação residencial e comercial das quadras tem temporalidades diferenciadas, em certa medida pela já característica instabilidade e alteração constante do setor comercial, as principais críticas dirigidas às estratégias de intervenção espacial vinculadas ao processo de gentrificação, neste caso, em franco processo de alteração do uso de tais espaços sublinha, sobretudo, seu caráter segregacionista. Mas, analisando tensões e relações dialéticas entre o local e o global nos processos de gentrificação e também identificando tensões entre gentrificação e resistência, esses objetos de investigação escolhidos resultaram de uma série de observações continuadas que ainda permitirão outras considerações.

Conclusão

De fato, um dos elementos urbanísticos mais singulares do projeto do Plano Piloto de Brasília é a superquadra, ainda hoje vista como uma das ideias mais acertadas do plano em face a tantas críticas ao urbanismo modernista, em todo o mundo. O próprio proponente de tal plano, Lúcio Costa (1987), registrou seu testemunho em Brasília evidenciando como se surpreendeu, menos de duas décadas após a implantação da cidade, quando a apropriação de sua espacialidade perfazia um processo ainda incipiente; afinal, idealizada a partir de modelos internacionais, muitas de suas espacialidades logo foram apropriadas de modos, por vezes, distintos e singulares como resultado de desejos e necessidades de seus habitantes e demais atores que ali passaram a interagir com o tempo.

Em Brasília, no que se refere ao objeto aqui investigado, se em cada quadra há uma área comercial, idealizada originalmente com o propósito de abrigar a diversidade de comércios e serviços que atendessem aos moradores do entorno imediato, essa tentativa de reviver um comércio local, recriando o desejo de se ter ruas e calçadas, como em uma cidade tradicional, foi se perfazendo como uma intenção bastante frustrada em várias de tais áreas; ainda, que este ritual seja praticado pelos tantos que optam ou necessitam circular por várias dessas quadras comerciais criadas com a intenção de servir apenas como apoio para as superquadras adjacentes.

Sob muitas e específicas ocorrências locais melhor constatadas junto à opinião de frequentadores, funcionários e, principalmente, proprietários de estabelecimentos comerciais nas específicas quadras CLN 213/214 e nas CLN 412/413, foi possível perceber o quanto a cidade de Brasília, mesmo sob a aparente preservação de seu plano piloto, apresenta reconfigurações particulares, sobretudo, nessas quadras comerciais aqui analisadas. Especificamente, constata-se uma dinâmica de apropriação por determinados estratos sociais, mais capitalizados, o que remete à produção de um espaço com fortes conotações simbólicas, associadas às práticas globais de consumo, alterações nos padrões de sociabilidade e homogeneização de paisagens comerciais e residenciais.

Como resultados deste trabalho espera-se poder contribuir com outras reflexões sobre questões correlatas ao espaço público. Espera-se, ainda, que a possibilidade de circulação deste conhecimento para além do âmbito acadêmico, atingindo, de maneira crítica e reflexiva, outras esferas da sociedade abordadas durante a análise

espacial configuradora do artigo, permita interações críticas, seja a partir de assimilações similares, complementares ou outras, instigantes à continuidade de reflexões sobre tal objeto. Almeja-se, assim, colaborar com as crescentes demandas e tentativas de humanização dos espaços que se tem observado nas últimas décadas em face das carências sociais constatadas na homogeneização espacial; sejam demandas provenientes do campo teórico e acadêmico, sejam demandas provenientes das tantas reivindicações e experimentações informais emergentes e, geralmente, “não especializadas”, porém, valiosas no que se refere à apropriação local do espaço urbano e ao seu compartilhamento ocorrente a partir de constatações e sensibilizações em relação às suas inerentes potencialidades para a satisfação de desejos e necessidades os mais variados.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, O. (2000). Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. En: O. ARANTES, C. VAINER y E. MARICATO (coords.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos* (11-74). Petrópolis: Vozes.

ARAÚJO, E., CALDEIRA J. y OLIVEIRA, L. (2015). *Superquadras 400 Sul: habitação social no plano piloto de Brasília*. Brasília: Kiron.

CANCLINI, N. G. (2005). O papel da cultura em cidades pouco sustentáveis. En: A. M. SERRA (coord.). *Diversidade cultural e desenvolvimento urbano* (185-198). São Paulo: Iluminuras.

CAVALCANTI, L. (2006). *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

COSTA, L. (1987). *Brasília revisitada 1985/1987: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana*. Rio de Janeiro: RJ.

CRONICK, M. M. (2018). *Gentrificação verde: o urbanismo sustentável como instrumento da reestruturação imobiliária de Perus*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia (São Paulo), 224f.

GOULD, K. A., LEWIS, T. L. (2017). *Green Gentrification: urban sustainability and the struggle for environmental justice*. London and New York: Routledge.

HARVEY, D. (2012). O direito à cidade. *Revista Lutas Sociais* (São Paulo), 29, 73-89.

HOLSTON, J. (1996). Espaços de cidadania insurgente. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: cidadania* (Rio de Janeiro), 24, 243-253.

KARSSENBERG, H. (coord.) (2015). *A cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

TORRES, P. H. C. (2017). Gentrificação verde: novos debates, abordagens e agendas de luta na cidade contemporânea. *Revista E-Metropolis* (Rio de Janeiro), 31, 63-65.

ZUKIN, S. (1987). Gentrification: culture and capital in the urban core. *Annual Review of Sociology*, (New York), 13, 129-147.